

Cultura brasileira

diagnóstico do presente

José Paulo Bisol

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BISOL, JP. Cultura brasileira: diagnóstico do presente. In RIVERO, NEE., org. *Psicologia social: estratégias, políticas e implicações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 47-56. ISBN: 978-85-9966-286-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Cultura Brasileira – diagnóstico do presente¹

José Paulo Bisol

A minha saudação ao Francisco Ritter. Minha alegria de estar aqui ao lado do Edson Passetti. A vontade que eu tenho é de entregar a Secretaria de Segurança para o Edson. Meus demônios, ao ouvir o Edson, simplesmente seduzidos, encantados, eu estou completamente de acordo com o que ele disse. Acho até que ele devia, em vez de me ouvir, devia pensar o que ele disse e ver até onde nós encontramos aí! Mas os meus demônios também me disseram assim:

Vocês são psicólogas/os. O que significa isso? Vocês querem salvar almas? E o logos da alma, a razão da alma? Para falar a verdade eu, quando cheguei em Santa Maria, e nem sabia que existia ainda, eu me dei conta que era um ser aqui em Santa Maria! A primeira coisa que eu desejei ser foi padre. Porque é muito melhor salvar a morte do que salvar a vida. É muito mais fácil e muito mais sedutor. Imagina aqui se eu fosse um padre.

Vou contar a história do monge Botsatwa que queria chegar ao Nirvana. Foi tendo sucessivas iluminações; na primeira conseguiu livrar-se da sensualidade; na segunda, das raivas e paixões terrenas, até que ele conseguiu livrar-se do egoísmo. Ao elevar-se, na última iluminação, Botsatwa estava pronto para ir ao Nirvana. Mas aí ele pensou: Se eu for sozinho, deixarei todos os outros sofrendo aqui na Terra. Como ele já havia superado o egoísmo, Botsatwa decidiu ficar até que todos os seus irmãos e irmãs pudessem ir com ele.

Vamos discutindo, procurando pensar o que é cultura, o que a cultura faz comigo, o que ela faz com você. Você existe, você existe como você, você tem uma identidade, você é um sujeito. Mas até onde você é um sujeito? Antigamente, até eu nos meus 20, 25, 30 anos fiz um discurso: “Vamos, povo brasileiro, ser sujeito da nossa história!” Não conseguimos ser os sujeitos da própria biografia, desgraçadinha, pequeninha! Até onde você, que está me ouvindo aí, é um sujeito? O Deleuze foi umas três ou quatro vezes citado aqui; também o Guattari (que escreveu com ele dois dos

¹ Este texto é uma transcrição direta da participação do autor na mesa redonda. Em função de falhas técnicas no registro, foi necessária uma revisão onde se refez a fluência e clareza do texto sem interferir no conteúdo ou nas idéias expressas pelo palestrante.

livros), o Foucault, todos eles foram citados aqui pelo Edson. Qual é a insistência básica deles? É que o sujeito é uma figura que se diluiu. Eles dizem assim: “Olha, meus queridos psicólogos, vocês são objetos de uma subjetivação. Existem forças aí... que fazem com que você até tenha uma sensação de ser sujeito, mas essas forças são sujeitos de sua própria identidade, isto é, você não tem uma identidade”.

E aí até a sociologia moderna já desistiu da identidade, ela fala de um processo dramático, um esforço dramático, em que a gente trata de uma identificação para não se diluir completamente. Dia-a-dia, minuto-a-minuto eu tenho que me cuidar, porque se não eu me diluo no nada. Pode ser um nada azulado, como foi dito na palestra anterior. Mas me diluo no nada, quer dizer que eu não sou um sujeito, eu não tenho uma identidade; eu sou só um esforço dramático, trágico, para não me diluir completamente e ser. Mas ser como um sentido, e aí eu volto a citar o Deleuze. O que é o sentido? É um deslizamento nas proposições – eu acho que a expressão dele é essa – se a minha memória não falha. Nada mais que um deslizamento. A minha identidade, a sua, não são nada mais do que deslizamentos. Mas, gente, eu não sou um inimigo da vida e nem sou um inimigo de você, com essa cara linda me olhando! A vida vale a pena, mas vale a pena nesses termos, de um esforço de sentido.

Tanta gente não ter chegado ainda a perceber que não existe outra alternativa de felicidade se não essa... que, de repente, a gente está se esforçando, honestamente, para termos sentido singular com os outros, porque não há singularidade sem o testemunho da alteridade. Sem o outro nada existe, ninguém existe. Então, gente, vocês me trazem aqui para falar de uma cultura justamente no momento em que eu sou secretário de segurança e secretário de segurança é anticultural no sentido generoso da palavra cultura! Então eu imagino assim: vocês são psicólogos – e principalmente as moças são lindas – eu ficaria aqui extasiado, sem dizer uma palavra e isso seria o suficiente para me sentir feliz, só olhando para vocês.

Mas, e se fossem os brigadianos que estivessem aqui? Se fosse a polícia militar, se fosse a polícia civil que estivesse aqui? Ainda não falamos na polícia. O maior e o mais obscuro dos poderes institucionais. Polícia: ninguém cuida dela. Ninguém quer discuti-la. É uma das coisas mais cavernosas, mais opacas, mais impenetráveis de toda a institucionalidade, não só do Brasil; do mundo, gente. Existe uma polícia

em um país melhor do que outra polícia de outro país, mas não existe nenhuma polícia realmente boa.

Essa é uma questão importante? Nós chegamos a pensar isso? O que significa esse fluxo inteligente que estivemos discutindo na palestra anterior? Isso sim: eu, para ser inteligente, eu tenho que ser pensado, eu não tenho de pensar. Dentro desse fluxo de inteligência, eu não sou quem pensa, eu sou quem é pensado. Desde que eu sou secretário de segurança, eu estou vivendo uma experiência de ser pensado, de ser objetivado, de ser sujeitado.

É incrível, incrível. Eu digo o que eu não disse jamais; eu faço o que eu não fiz jamais. Acontecem em tomo de mim fantasias reais, e todo mundo fica se pronunciando sobre essa fantasia como se ela fosse real. Eu estou sendo empolgado pelo fluxo de inteligência.

Vocês estão vendo que na mídia estão falando em PM2. Aí vão ouvir um deputado, deputado do meu partido, e ele fala sério da PM2! Aí vem um outro e fala sobre PM-2. Então, a PM-2 fica como alguma coisa da Secretaria de Segurança. Então, eu sou o sujeito da PM-2; e eu sou a maior vítima da PM-2! Eu não entendo mais nada! Ou está todo mundo na fantasia ou eu estou na fantasia! Ou eu estou no mundo real, quer dizer, a PM-2 é um negócio secreto, não institucional no sentido de Estado. Ou então ela é uma droga, uma insignificância. Ela é algo importante porque é secreta. Ela é algo forte porque ela é não-institucional no sentido de Estado, de instituição estatal. E ela é inimiga de quem? Inimiga dos justos, inimiga dos que buscam a singularidade, dos que lutam para, ainda que seja deslizando nas proposições, ter um sentido. A realidade social, então, é o oposto da realidade em que eu vivo. Eu sou, na minha opinião, o maior inimigo da PM-2; mas na mídia, e conseqüentemente na opinião pública do Rio Grande do Sul, eu sou o sujeito controlador da PM-2. Vocês estão percebendo o que eu quero dizer agora, dando um sentido específico ao conceito genérico colocado pelo Edson, o fluxo de inteligência, o que ele faz comigo.

Hoje a Sociologia e a Psicologia Social, têm uma dimensão de conhecimento que eu acho que eles chamam de teoria dos efeitos perversos, não é assim? Ou teoria das conseqüências paradoxais, que é aquela velha coisa do Popper e do Hayek, veja que eu não cito só os de esquerda, nem só os malucos. Eu cito também os velhos burgueses, assentados, o Hayek, o

Popper. Então, o que é que o Popper dizia com muita razão? “Nós, até hoje, descrevemos a história como se ela fosse atos de vontade individuais que, através da mediação de ações, tivessem produzido as conseqüências desejadas”. Quando isso raramente acontece e, quando acontece, é fora da dimensão histórica!

Entenderam o que eu quero eu dizer? Não adianta você e eu sabermos a verdade, se o que é vivido como verdade pela comunidade é outra coisa. Então, a nossa verdade é uma mentira, a realidade é uma mentira. A verdade é que eu, sem saber, sou o sujeito controlador da PM- 2. E tem mais, gente. Eu vou pegar essas coisas da minha vida cotidiana para vocês, psicólogos, que têm que lidar com as almas cotidianas, as suas impotências, os seus excessos, as suas esquizas, suas escisões egóicas etc. É com isso que vocês vão ter que lidar.

O Rio Grande do Sul, como comunidade, acredita que José Paulo Bisol e o MST combinam as coisas que o MST vai fazer. Esse secretário de segurança, secretamente, é um gênio. Eu não sabia e sou um gênio! Eu combino com o MST para tomar os prédios do Governo Federal. Aí, eu já digo para eles: “Olha, vocês levem foice, levem piche..., e o resto deixem comigo!” Gente, essa aí é a “realidade”, é o que é falado. É o que a mídia pensa no Rio Grande do Sul. É o que a Zero Hora pensa, é o que a RBS pensa. Mas eu preciso ser muito estúpido para assumir a secretaria de segurança e ir lá conversar com o MST. Eu sempre disse, francamente, que sou a favor deles, considero o movimento social mais bonito, mais evangélico da nossa história. Sempre disse isso, em qualquer lugar que me perguntassem. Mas eu não sou uma besta quadrada para ir lá e articular com eles a tomada do Chocolatão! Mas então, essa é a “realidade”. Eu combino com eles para tomar o Chocolatão. Ora, te coloca no meu lugar, companheiro; vai ser secretário de segurança... ! (Olhando para o colega de mesa, palestrante anterior, Edson Passeti).

A sociedade do Rio Grande do Sul acha que eu combinei com os guris – até aqui em Santa Maria ouvi isso para ir lá queimar o relógio. Eu ouvi isso. Eu, com a alma, queimei mil vezes. Eu e a Marilena Chauí. Queimamos horrores de vezes e queimaremos ainda até morrer. Mas, eu não sou um imbecil! Já pensou fazer uma coisa dessas?

O que é verdade, o que é real? Entende o que eu quero dizer, o que é subjetivação? Que processo é esse que cria um sujeito a despeito de vocês, e cria esse sujeito através de vocês? Que monstro é esse? É aqui a coisa delicada. O que adianta eu percorrer cinco anos como universitário de psicologia, se eu não me dou conta de que a vida social está sempre virada ao avesso! Quer dizer, sempre, e reparem bem, eu não estou sendo levado por um impulso, eu estou afirmando: sempre a mentira funciona como verdade. A verdade pobre, frágil, nem sempre bem definida, bem determinada, coitadinha, a verdade é assim mesmo... Essa, tem dificuldade. Você acha que está pensando quando você pensa que eu combino com o MST, que eu combino com os guris de Santa Maria: “ó, vocês lá, eu dou um jeito e vocês queimam aquele relógio dos 500 anos”. Olha, eu não aguento mais... Eu sabia disso porque eu sou um velho leitor do Foucault, eu sou um companheiro – de leitura, é claro, eu sou um ignorante perto dele – do Guattari, do Deleuze, dessa turma. Eu procurei saber. Mas gente, a força, a brutalidade dessa produção de subjetividade... , estou empregando a expressão do Guattari e do Deleuze.

Eles produzem uma subjetividade em que a sua singularidade desaparece, a minha desaparece, tudo desaparece, o valor desaparece, a dignidade desaparece, a felicidade desaparece, a diferença desaparece, tudo o que é bom na vida desaparece. Cada vez mais esse “Hampt-dumpty” – vocês se lembram quando eu estive aqui em Santa Maria e eu contei a história do “Hampt-dumpty”, personagem do Lewis Carrol em “Alice no país das maravilhas”?

Público – Não!!!

Não, mas estão lembrados sim. Como? Que memória?

Olha, vocês psicólogos têm que fazer a análise do “Hampt-dumpty”! O Deleuze faz, naquele livro dele sobre o sentido... Os primeiros capítulos são sobre o Lewis Carrol, como uma esquizofrenia de superfície. Depois, mais adiante, ele relaciona o Lewis Carrol como um ator, um genial – ator, como esquizofrenia de profundidade. Não sei se a minha memória está me traindo. Esse é o livro do Deleuze sobre o sentido, “A lógica do sentido”. Vocês então, têm que examinar psicologicamente, psicanaliticamente, esquizoanaliticamente (fazer a esquizoanálise) do “Hamptdumpty”. Não há livro de semântica que não cite o “Hamptdumpty”, que é aquele personagem

do Lewis Carrol, que é considerado o homem-ovo, porque é barrigudinho, é redondo, e que tem um diálogo com a Alice mais ou menos nestes termos:

Hampt-dumpty – Eu, Alice, quando digo uma palavra, dou a essa palavra o sentido que eu quero dar.

Aí vem a Alice (vocês..., os puros de coração...) – Mas, Hampt-dumpty, a questão não é essa. A questão é saber se a gente pode dar o sentido que a gente quer para a palavra.

Hampt-dumpty – Alice, deixa de ser boba lá... A questão é saber quem é o servo e quem é o senhor, porque o senhor, é senhor da palavra: ele fala, o servo escuta.

Essa é a simbologia, pelo menos neste momento, que eu quero dar a esse personagem, o “Hampt-dumpty”. Ele é a opinião pública da modernidade! É a mídia da modernidade. Eu dou, não só a qualquer palavra, mas sim, a qualquer fato, o sentido que eu quero dar!

E aí, o Bisolzinho, de manhãzinha, está dormindo, e tem um despertador no bidê. Na hora em que ele precisa acordar, acende uma luzinha no despertador, e vem uma voz... e vem uma voz das origens, e vem uma voz da tradição, voz da revelação, voz da verdade, e diz. O Bisolzinho está recém no estado entre adormecido e acordado. Aí a voz diz assim: “Os fatos que aconteceram nas últimas 24 horas são A, B, C”. E o Bisolzinho começa a acordar! “Puxa, A, B e C...” Ele respira fundo...

Daí vem outra voz, ou a mesma, mas também vem das origens, também vem da indiscutibilidade, também vem da revelação divina, também vem da Bíblia, e diz assim: “O sentido do fato A é A’, está me ouvindo? Do fato B é B’. Do fato C é C’, e acabou.” Em seguida o Bisolzinho acorda e vai tomar o seu banho. Sai do banho, abre o jornal, e lá está o fato A, o fato B e o fato C. No editorial está o sentido A’, B’ e C’. Então, gente, o Bisolzinho vai trabalhar e descobre que existe a comunidade universal! Existe a comunidade universal, por que todo mundo sabe que os fatos importantes são A, B, C e todo mundo concorda que os sentidos são A’, B’, C’.

Ou seja, a comunidade, coitado de Marx que se despedaçou atrás dela! Veja, a comunidade que está aí na hora do trabalho; todo mundo discutindo o mesmo fato e tendo as mesmas idéias. Isso aí é a produção do

sujeito, é a produção da subjetividade, e eu estou afogado nisto, não aguento mais. Vocês entenderam o que eu quero dizer?

Agora vocês vejam aqui... esse cara aqui (mostra o livro), é o Guattari, que escreveu dois dos livros com o Deleuze, dos mais importantes por sinal. Olha aqui (lendo no livro): “A palavra cultura tem vários sentidos no decorrer da história. Seu sentido mais antigo é o através da expressão” cultivar o espírito”. (O Voltaire é que dizia, né, “cultive o seu espírito”) “Vou designá-la, diz ainda o Guattari, sentido A, ou sentido de cultura-valor”.

Quer dizer, você é um homem culto, Guareschi (aponta Pedrinho na platéia). Você é uma maravilha, você cultivou o espírito, você sabe tudo. Você, o Edson e o Bisol citam o Deleuze, citam sei lá mais quem, vocês são o máximo. Essa é a cultura do sentido A. Corresponder ao julgamento de valor que determina quem tem cultura; alguns têm, os outros não têm, coitados. É uma segregação maravilhosa... Nós estamos por cima! Pelo menos nisso...

Bem, diz ainda o Guattari, “O segundo núcleo semântico da palavra cultura agrupa outras significações. Vou designar o sentido B: é a cultura alma coletiva”. É aquilo que o brasileiro imbecil sente quando nós não ganhamos nenhuma medalha de ouro nas olimpíadas. Vocês leram o Luís Fernando Veríssimo hoje? A Dinamarca ganhou menos medalhas do que o Brasil... Mas é uma das melhores sociedades do mundo, gente. O que nós queremos, ganhar medalha ou chegar a uma sociedade boa, como começa a ser a sociedade dinamarquesa, uma sociedade que tende à justiça, que permite a singularização, que estimula a singularização, e que não deixa ninguém de fora da possibilidade da singularização. Porque a singularização, no sentido A de cultura, é muito bonito, mas deixa milhões de pessoas fora dessa possibilidade!

Então, vamos entender alguma coisa com o Guattari, sobre o segundo núcleo semântico, o B. “A cultura seletiva é sinônimo da civilização. Desta vez, já não há mais o ter ou não ter cultura, todo mundo tem cultura e esta é uma cultura muito democrática, qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural. É uma espécie de a priori da cultura.” Fala-se em cultura negra, cultura underground, cultura étnica e assim por diante. Quantas culturas vocês conhecem? Até eu fiz um discurso “precisamos transformar a cultura policial”. Continuando com o Guattari: “Há uma

espécie de alma um tanto vaga, difícil de captar e que se prestou no curso da história (aqui é que está o negócio!) a toda espécie de ambiguidade, pois é uma dimensão semântica que se encontra tanto no Hitler, quanto no maior democrata do mundo”. Isso aí serve para tudo, esse tipo de conceito serve para tudo, gente! Por isso que, em outra parte, o Guattari diz, e o Deleuze também diz isso, “não existe nada mais reacionário do que cultura”.

O que é cultura? O que a brigada me diz? O que a polícia civil me diz? “Vamos preservar a cultura. Você quer destruir a nossa identidade. Você que desmontar o nosso sentido.” O que é esse negócio de cultura, afinal?

E o terceiro núcleo semântico, o C, é nesse que nós precisamos chegar! Ele designa... , já é o Guattari falando, “o C corresponde à cultura de massa, e eu o chamaria de culturamercadoria”. Essa é a que você vive! Ela tem que ter é a servidão da escuta, porque o “Hampt-dumt” é o senhor, porque tem a palavra. E você escuta, com todo o seu curso de psicologia. Aí já não há julgamento de valor, nem territórios coletivos da cultura, mais ou menos secretos, como nos sentidos A e B; a cultura são todos os bens, todos os equipamentos, todas as pessoas, isso tudo o que você vive aí, filme, teatro, política, tudo... Essa cultura de massa, diz o Guattari em outra parte, “é o elemento fundamental da produção de subjetividade capitalística.”

O que eu estou querendo dizer para vocês – sou velho, não preciso mais encantar ninguém, nem seduzir... já é um trabalho enorme seduzir a mim mesmo, posso dizer tranquilamente: é o que consome vocês, é o que mata, é o que fecha todas as possibilidades de liberdade, é o que nega a dignidade e a alegria de estar no mundo e ter um sentido, ainda que escorregadio. É o que iguala, e não adianta você ter um nariz, uma boca diferente; você é igual aos outros, cada vez mais igual, cada vez mais arrastado pelo que não é real, e eles dizem que é.

Não há quem não beba Coca-Cola, foi bem empregado aqui. Nós bebemos Coca-Cola por imbecilidade! Por produção capitalística da subjetividades do gosto. Nós nem temos relações sexuais originalmente mais. Nós podemos transar em público que todo mundo faz igual. Ninguém tem mais talento, singularidade, diferença!

Então eu vim dizer isso para vocês. Esse fim de século, nós atingimos nesse tipo de paradigma. É a pior fase da humanidade; desse ponto de vista da singularidade, da possibilidade de me desenvolver como um ser

insubstituível. Qualquer serzinho humano é insubstituível, gente! É mesmo insubstituível. Essa é a coisa do Deleuze, do Foucault, do Guattari, dessa turma aí. Você está sempre se criando, não pode se descuidar, porque você está criando a sua singularidade. Você não tem modelo. Você tem que ser um inimigo da modelização. Mas você já está vencido pela modelização... E você é jovem, tem que ser criativo, você tem que reagir. Eu espero assistir isso, porque o Rio Grande do Sul, politicamente, é o único estado do Brasil em que alguma coisa viva está sendo feita nesse sentido.

Eu gostaria que vocês compreendessem o que é pegar um governo. E esse governo ter esses muros modeladores, opostos a tudo o que você sente, deseja e sonha para a sua comunidade. É dentro desse Estado, desse tipo de Estado criado pelo liberalismo, estruturado pelo neoliberalismo, é dentro desse Estado que nós temos que emergir e apertar, abrir os braços contra as paredes. Isso é uma dureza, no dia-a-dia é um sacrifício, um sofrimento, mas é também uma alegria: de ser possível uma vida nobre, criativa, humana..., também compensadora!

Eu quero que vocês resistam à modelização da universidade. Temos que resistir a tudo o que nos enclausura; seja religião, seja psicanálise, seja psicologia, seja cultura, seja o que for. Nós temos é que saber que nós, em cada instante, nos criamos e somos, ou não nos criamos e nos sujeitamos, aí não somos.

Não é uma anticultura, é uma anticultura mercadoria. Não é um antissaber, pelo contrário, é uma descoberta de que o único jeito de saber é saber junto. É uma coisa de Botsatwa, quer dizer, nós não vamos ao Nirvana se não formos juntos!

É isso que eu venho propor para vocês, ou todos juntos, ou ninguém, ficar nesse inferno aqui aguentando a mão.

Eu teria mais algumas coisas para dizer, mas eu acho que já passou o meu tempo. O que eu quero dizer mais para vocês, é que eu não gostaria de deixar uma impressão que eu sou desiludido da vida. Eu sou tarado pela vida! Com 72 anos eu gosto das coisas. Gosto mesmo! Acho que vale a pena e quero continuar aqui. Poesia, música, o saber, o poder conversar, dialogar, ser contestado... Só essa coisa de modelização, a produção de fora da subjetividade, isso não dá mais, não dá mais.

Então eu peço para vocês, humildemente, que acreditem que eu não vim aqui dizer “não vale a pena”; não, eu vim dizer que vale a pena! Vim dizer para vocês que nessa área (psicologia) – mas hoje não tem mais área, hoje tudo é multi, é pluri, pluri-institucional – nós temos que descobrir em última análise... deixa eu ver se eu consigo traduzir isso com simplicidade. Por exemplo, se vocês pensam num Estado, trabalhando no estado do Rio Grande do Sul, neste tipo de estrutura. O que eu quero dizer para vocês é que esta estrutura é uma estrutura institucional, vocês sabem. Agora, toda a institucionalidade contém em si mesma uma negação desta institucionalidade. Quer dizer, uma exigência de renovação, de recriação. Também ali não é só a minha pessoa que se recria em cada instância, que se redescobre. Eu tenho que reinventar tudo, inclusive o Estado, inclusive a institucionalidade. E para reinventar a mim mesmo, reinventar a institucionalidade, eu tenho que descobrir essa força, essa negação da institucionalidade existente. Essa negação da modelização que me faz ser este idiota que eu sou todos os dias. Tenho hora até para transar. Não pode ao meiodia, tem que ser de noite. Tenho vontade de dia e espero a noite para fazer.

Então, gente, com toda a simplicidade, eu preparo esta mensagem para vocês: resistam... inventem a vida, não deixem esse fluxo eletrônico, tecnológico da inteligência modelar tudo: o vestido, a cueca, a calça... ah não, gente! O vestir já é uma forma de propor algo. Não é uma coisa inerte, não é que o você veste para tapar o corpo. Não. Você propõe algo com o que você veste, ou com o que desveste. É impossível não propor algo, o outro está aí para testemunhar. E se você quer se zerar, quer calar, quer não significar nada, não adianta. O outro lhe dá o sentido do sem-sentido. Então, a vida é uma coisa maravilhosa por isso mesmo. Se ela fosse fácil, aí a gente aconteceria quase que normalmente. É preciso fazer acontecer, inclusive a felicidade. Não como uma coisa definitiva e sólida, mas como um modo de autocriação, um modo constante de singularização, um modo constante de provar que somos realmente, cada um de nós, insubstituíveis, perante o outro. Pois, sem o outro, até substituíveis seríamos. Muito obrigado!